

CAPITALISMO VERSUS SOCIALISMO

por Mário Soares

A grande crise em que o mundo parece ter mergulhado, aprofunda-se todos os dias e atinge todos os Continentes. É uma crise verdadeiramente global cujo remédio não surge claro, para ninguém.

Durante os anos de esperança que se viveram nas décadas "gloriosas", após a hecatombe da II grande guerra, os comunistas anunciavam a crise geral do capitalismo que não deixaria de aí vir, segundo as análises marxistas. Houve, de facto, pequenas crises mas nada que se comparasse com a grande crise de 1929, que parecia ser a máxima referência maligna.

O capitalismo reformulou-se. Surgiram as sociedades de bem-estar, a segurança social para todos, o new deal de Roosevelt, o trabalhismo inglês e as nacionalizações do post-guerra e o socialismo democrático dos nórdicos, e a pouco e pouco, com nuances, do resto dos países europeus que pareciam assegurar a paz, o bem-estar e uma certa harmonia social. Tanto mais que se generalizaram a quase toda a Europa Ocidental, com as excepções negras - até à Revolução dos Cravos de 1974 - da Península Ibérica e da Grécia, as únicas três ditaduras fascistoides que sobreviveram na Europa dita Ocidental, à vitória dos Aliados.

O comunismo soviético consolidou-se, influenciou, com crises várias, as Repúblicas Populares do Leste Europeu, comunicou-se à China - que em breve se tornaria um comunismo rival da URSS - à Coreia do Norte, ao Vietname e com algumas outras pequenas experiências frustradas, a Cuba.

Contudo, o capitalismo ocidental manteve-se, próspero, superou as chamadas "crises do petróleo" e, entretanto, deu-se a magnífica surpresa, totalmente inesperada, da implosão pacífica do universo comunista, com a queda do Muro de Berlim, da Cortina de Ferro, da URSS, transformada em Confederação Russa, da integração das Repúblicas Populares na União Europeia e a grande transformação da China, com Deng Xiao Ping, que tentou conciliar o regime comunista de partido único com a economia de mercado e o pior dos capitalismo, o mais selvagem...

O chamado Ocidente - e, em especial, a América do Norte - exultaram com a implosão do Universo Comunista e cometeram o erro fatal de se considerar "donos do Mundo", com Bush tentando marginalizar as Nações Unidas, procurando generalizar a chamada "democracia liberal", a globalização sem regras éticas, o "capitalismo de casino", o unilateralismo ao universo inteiro, caindo com a sua sobrançeria de "vencedores" - sem remédio - nos atoleiros das guerras do Afeganistão e do Iraque, verdadeiros sorvedouros de recursos, e dando luz verde a Israel para atacar o Líbano e a Faixa de Gaza, dois outros erros imperdoáveis.

Veio a crise financeira e económica global - com os subprime, as roubaheiras em larguíssima escala, feitas secretamente em offshores, as falências escandalosas de Bancos, Companhias Seguradoras, Grandes Empresas e de especuladores criminosos, como Madoff, que foi um exemplo

maior. O neo-liberalismo, como sistema económico afundou-se com o mesmo espanto público e rapidez, com que se tinha afundado, quase vinte anos antes, o universo comunista. E, as pessoas perguntam-se, legítima e angustiosamente: e agora?

A crise - note-se - não foi uma novidade. Tinha sido anunciada por politicólogos, economistas, sociólogos e alguns comentadores mais avisados. Mas ninguém ligou. Tanto que chegou com pés de lã e começou por ser um espanto - uma enorme surpresa - para os banqueiros, gestores, políticos, economistas, empresários e especuladores envolvidos. Apesar dos múltiplos avisos, nunca lhes passou pela cabeça que lhes pudesse acontecer ou melhor: que lhes caísse em cima da cabeça, com a brutalidade que tem acontecido...

E agora, repito? O Presidente Obama disse que "é preciso mudar o modelo económico". É evidente! Claro, o capitalismo financeiro especulativo faliu, como o neo-liberalismo, que o tornou possível. Quanto a isso não há qualquer dúvida. Embora as mentalidades de políticos, economistas, empresários e especuladores, na maior parte dos casos, ainda não tenham mudado. Por mais paradoxal que seja, as mesmas ideias e comportamentos persistem. E, por isso, insisto: mas mudar, como? Respondo: buscando gente jovem, novos rostos de políticos, economistas e empresários, novas ideias, novos comportamentos. Sobretudo, com respeito pelos valores éticos, sociais e ambientais e habituando-se a uma estrita moralidade pública.

Passar do capitalismo para o socialismo? Como alguns sugerem, regressando às velhas utopias do século vinte, em que tantas pessoas excelentes persistem em acreditar, neste início conturbado do século XXI? Contudo, o socialismo totalitário - não o esqueçamos - faliu, tanto de tipo soviético como maoista ou de Deng Xiao Ping, para não falar do fidelismo. Sem mercado não há cidadãos livres: há funcionários e escravos de um outro tipo, aprendemos isso com o colapso do universo comunista e, alguns de nós, em décadas antes, quando conhecemos a realidade dos goulags e os crimes de Estaline, através do relatório de Kruchev ao XX Congresso...

O que fica então? Uma economia de mercado, mas com regras éticas e políticas estritas. Estados de Direito capazes de controlar os mercados e de assegurar sociedades de cidadãos livres, pluralistas e participantes, democracias não oligárquicas como era o caso, mas sociais, preocupadas com o bem-estar de todos, com uma justiça independente, acima dos media, e com a defesa do ambiente, indispensável à sobrevivência da Humanidade e da biodiversidade. Claro que isso, nas suas grandes linhas, é o que, durante décadas, se chamou na Europa, social-democracia ou socialismo democrático. Ou, se quiserem, um capitalismo avançado ou progressista onde o superior valor, são as pessoas e não o dinheiro ou a pura especulação financeira...

Não creio que, de momento, se possa inventar nada de melhor, para conseguirmos sair da crise e conceder à Humanidade uns anos de paz e de bem-estar, sob a égide da Lei e dos grandes valores universais. Um modo de conciliar dois valores antinómicos da Grande Revolução Francesa: a liberdade com a igualdade possível e também com a fraternidade, dado que, como humanos, pertencemos todos à mesma Casa Comum.

Contudo, é importante, direi mesmo, indispensável, regulamentar a globalização, sem o que, também, não venceremos a crise. Ora se a globalização económica é um facto irreversível e global, como está à vista, importa que se estabeleça uma regularização política global, mediante a reforma das instituições financeiras internacionais (Banco Mundial e Fundo Monetário Internacional) e a sua integração nas Nações Unidas, reformuladas segundo os Objectivos do Milénio. O que implica uma nova Ordem Mundial, com um esquema de governação mundial, que não seja um directório de países ricos mas a consequência multilateral e democrática do mundo de hoje, com os países emergentes e blocos regionais que representam todos os Continentes. Não vai ser fácil. Mas é o caminho que teremos de percorrer, abolindo as guerras e construindo um mundo melhor e mais humano.

Lisboa, 10 de Fevereiro de 2009